



Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação

Information literacy and disinformation: criteria for evaluating the content of information sources

Marianna Zattar*

RESUMO

Apresenta as principais estratégias para avaliação dos conteúdos das fontes de informação. Utiliza as noções de competência em informação (American Library Association e Dudziak), fontes de informação (Cunha e Tomáel) e desinformação (Fallis e Volkoff) para o desenvolvimento do referencial teórico. Indica a metodologia exploratória a partir de uma revisão de literatura orientada para que o problema apresentado seja mais explícito no campo de estudos da informação. Apresenta como resultados a indicação de três critérios para avaliação de fontes de informação para que sejam evitados os compartilhamentos e usos de desinformações (e seus respectivos impactos negativos) na prática informacional. Por fim, evidencia que a necessidade de avaliação é essencial para a solidariedade na produção e para o uso crítico e ético da informação.

Palavras-chave: Competência em Informação; Fontes de Informação; Desinformação.

ABSTRACT

The paper presents the main strategies to evaluate the contents of information sources. It uses the notions of information literacy (American Library Association and Dudziak), information sources (Cunha and Tomáel) and disinformation (Fallis and Volkoff) to develop the theoretical framework. It indicates the exploratory methodology based on a literature review in order to explicit the problem presented in the field of information studies. It presents, as results, the indication of three criteria for the evaluation of information sources to avoid sharing and using disinformation (and their negative impacts) in the information practice. Finally, it shows that the need for evaluation is essential to solidarity in the production and to the critical and ethical use of information.

Keywords: Information Literacy; Information Sources; Disinformation.

* Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) em convênio com a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Faculdade Administração e Ciências Contábeis (FACC) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE). Endereço profissional: Prédio do anexo II do CCJE, Avenida Pasteur, 250, Urca, CEP 22290-240, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: mzattar@facc.ufrj.br.

INTRODUÇÃO

A busca informacional, na maioria das vezes, tem como ponto de partida o Google, assim como a produção de informações tem crescido significativamente em meios como o Facebook ou WhatsApp. Tais atitudes exigem práticas informacionais críticas e éticas sob a perspectiva de ações solidárias e competentes para a busca, produção, uso e compartilhamento de informações nos mais diferentes contextos.

Nas discussões em torno da prática informacional, destacam-se as questões que envolvem a qualidade do conteúdo nas dinâmicas de busca e recuperação, dentre as quais estão as notícias e informações falsas ou semifalsas, a desinformação. Um exemplo disso são as ações de bibliotecários nos Estados Unidos da América que têm como objetivo orientar os usuários na busca por fontes de informações confiáveis (KEAN, 2017).

Muitos autores relacionam a desinformação ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e, especialmente, à internet e à *web*, que possibilita a participação de múltiplos atores na produção e no uso de informações. No entanto, esses tipos de informação sempre existiram e não são novidades típicas de uma organização social ou de um momento econômico específicos. De acordo com Darnton (2017), a disseminação desse tipo de informação teve um crescimento acelerado no século XVIII em Londres, com o aumento da circulação de periódicos e a possibilidade de compartilhamento de diferentes tipos de notícias.

De forma a ilustrar os impactos que a manipulação de informações pode causar na vida do cidadão, indica-se o livro *1984*, do jornalista, ensaísta e romancista britânico George Orwell, que possibilita um olhar para as formas de produção da informação e comunicação na sociedade contemporânea. O autor descreve um mundo onde o mais fraco (o povo) era dominado por uma classe que ditava todas as regras (as roupas que deveriam ser usadas, o local para se trabalhar e até o dia e hora exatos para a prática de exercícios).

No contexto da manipulação da informação, indica-se que os meios de comunicação vêm promovendo o controle e a vigilância ao longo dos anos sem que o usuário comum possa perceber. Nas redes sociais digitais, os dados dos usuários são tidos como fontes lucrativas para os gigantes do mundo virtual como Facebook e Google e, com isso, os usuários são inseridos em uma esfera de atitudes pré-moldadas. Essa esfera é chamada por Pariser (2012) de “bolha informacional”, que influencia tanto o acesso à informação quanto o acesso à desinformação.

Assim sendo, pretende-se neste artigo apresentar estratégias para avaliação de fontes, de forma que sejam evitadas desinformações (e seus respectivos impactos negativos) no processo de busca e recuperação da informação com base na noção de competência em informação. Para isso, indica-se uma metodologia exploratória, uma vez que se pretende tornar mais explícito o problema apresentado neste texto (GIL, 2002).

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O lastro da competência em informação remonta à década de 1970, quando desponta a expressão “*information literacy*” em 1974 no relatório “The information service environment relationships and priorities” publicado pelo bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski, que recomendava que os recursos informacionais fossem aplicados no âmbito profissional, no intento de solucionar situações difíceis por via de

técnicas e habilidades na utilização de ferramentas de acesso à informação (MELO; ARAÚJO, 2007). No Brasil, os pioneiros da *information literacy* são os bibliotecários que desenvolveram estudos referentes à educação de usuários e, tal como é estudado hoje, indica-se como referência primária a professora Sônia Elisa Caregnato (2000), que traduziu *information literacy* para “alfabetização informacional” no artigo “O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede” (DUDZIAK, 2002, 2003).

É possível identificar diversos termos usados na literatura nacional para tradução do *information literacy* na língua portuguesa. No entanto, a expressão “competência em informação” vem se consolidando desde a edição da elaboração da “Declaração de Maceió sobre a competência em informação” no I Seminário de Competência em Informação, no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), na cidade de Maceió, em Alagoas, e desde a publicação do *Overview of information literacy resources worldwide* pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Entre as diversas definições para competência em informação indica-se aquela apresentada no documento *Framework for information literacy for higher education* da The Association of College & Research Libraries da American Library Association (2016, p. 3, tradução nossa): “[...] conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada, e o uso da informação na criação de novos conhecimentos para atuação de forma ética em comunidades de aprendizagem”. Assim sendo, tem-se que a competência em informação conecta-se com as experiências solidárias e coletivas vivenciadas nas dinâmicas de aprendizagem continuada a partir de uma perspectiva ética e crítica, o que exige o acesso, a avaliação e o uso da informação de forma responsável, interdependente e colaborativa.

FONTES DE INFORMAÇÃO

Fontes de informação, de acordo com Cunha (2016), ao reforçar Targino (2000), não possuem uma definição restrita. Para Rodrigues e Blattmann (2011, p. 48) fonte de informação é tudo que “[...] gera ou veicula informação. Pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, meios digitais, sites e portais.”

A literatura do campo de estudos da informação categoriza as fontes de informação sob diferentes características e perspectivas, e as diferenciam, por exemplo, “[...] quanto à audiência, ao armazenamento, à atualidade e à autenticidade da informação, à orientação, à redundância e à interatividade” (DIAS; PIRES, 2005). Na forma estão os aspectos relacionados à dimensão, ao tipo de encadernação, à qualidade do papel e da impressão, ao formato (bolso ou não) etc. Os aspectos relacionados ao conteúdo são aqueles que dizem respeito ao propósito da obra (público e objetivo), ao alcance/cobertura (área do conhecimento, idioma, editora), ao ponto de vista, à frequência de atualização, etc. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

DESINFORMAÇÃO E FAKE NEWS

A exigência de práticas informacionais éticas e críticas evidenciam a importância de verificação das fontes de informação usadas no cotidiano, o que coloca em xeque a avaliação do que é informação ou desinformação em determinado contexto.

A noção de desinformação surge no contexto das práticas de guerra. Fallis (2015) faz referência ao *Operation Bodyguard* na Segunda Guerra Mundial, que visava preservar a localização do Dia D. Já Volkoff (2004) remete ao russo *dezinformatsiya* do período pós-Segunda Guerra Mundial como uma prática capitalista para submissão da população. No inglês, o autor indica o surgimento da palavra *disinformation* no dicionário *Chambers twentieth century*, em 1972. No Brasil, é possível identificar a palavra desinformação em pesquisa realizada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Volp) da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Os estudos sobre desinformação trazem à tona diversas definições, que remetem às informações enganosas. Dessa forma, há que se diferenciar a ideia de *disinformation* e *misinformation*, pois embora as suas respectivas definições se refiram às informações falsas, a primeira destaca as ações que procuram propositalmente falsificar uma informação com o objetivo de enganar as pessoas (VOLKOFF, 2004; FALLIS, 2015).

De acordo com Fallis (2015), essa é uma prática que pode ser extremamente perigosa e que deve ser observada a partir de três características básicas: a) desinformação é informação; b) desinformação é uma informação enganosa; c) desinformação não é uma informação acidentalmente enganosa.

A desinformação tende a ser mais restrita no contexto das informações científicas, pois o método, como característica da ciência, exige a reprodução das experiências para verificação de resultados similares (FALLIS, 2015). Assim, as informações do cotidiano são mais vulneráveis às “contaminações”, uma vez que não pressupõem rigor em sua produção e, ainda, são abertas à participação de diferentes atores.

Diversas são as práticas e documentos relacionados ao tema da desinformação no campo de estudos da informação. Exemplos disso são a *Resolution on disinformation, media manipulation, and the destruction of public information* (2005) e a *Resolution on access to accurate information* (2017), publicadas pela American Library Association, que apontam a necessidade de uma atitude da comunidade biblioteconômica no sentido de promover o conhecimento de fontes de informação para o reconhecimento da desinformação.

AVALIAÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

Ter acesso às fontes de informações é uma tarefa diária e essencial na atualidade. Contudo, não basta que se tenha acesso a qualquer tipo de informação, pois é necessário qualidade, relevância e veracidade nos mais diferentes contextos, de forma que sejam evitadas desinformações e notícias falsas nas bolhas informacionais em que somos inseridos.

No jornalismo e nas agências de notícias vêm emergindo um serviço denominado “*fact check*”, que pode ser traduzido como “verificação de fato”, e surge para verificação do grau de fidedignidade da informação disseminada (COMUNIQUE-SE, 2016). Em nível internacional e nacional, indicam-se, como exemplo de empresas que

fazem uso e desenvolvem esse recurso, o FactCheck.org¹, o PolitiFact², o Chequeado³, o Truco⁴ e a Lupa⁵. No mesmo caminho de checagem, está o Google Notícias (GARRETT, 2016).

As checagens de notícias procuram verificar uma informação a partir de classificações que, em geral, indicam os níveis de veracidade. A checagem pressupõe o uso de informações públicas e fontes confiáveis para verificação de conteúdo, o que resulta em avaliações que visam indicar o nível de veracidade de uma informação, tais como aquelas categorias (ou etiquetas) usadas pelas agências Lupa e Truco, a saber:

Figura 1 – Categorias – Lupa e Truco.

Lupa	Truco
Verdadeiro	Verdadeiro
Verdadeiro, mas	Sem contexto
Ainda é cedo para dizer	Contraditório
Exagerado	Discutível
Contraditório	Exagerado
Insustentável	Distorcido
Falso	Impossível provar
Estamos de olho	Falso

Fonte: Adaptado de Lupa (2017) e Truco (2017).

Nota-se, a partir dessas duas categorizações apresentadas na Figura 1, que diversas são as possibilidades de etapas percorridas para a checagem e a atribuição de categorias aos conteúdos das fontes de informação. Dessa forma, conforme exposto, tem-se como objetivo deste artigo a indicação das principais estratégias elencadas no campo de estudos da informação para avaliação de fontes de informação a partir da perspectiva da competência em informação.

Muitos autores têm feito referência à desinformação como “notícias falsas”, como é o caso do “Alternative facts and fake news – verifiability in the information society” da The International Federation of Library Association and Institutions (IFLA), que indica a necessidade de verificabilidade das informações. A IFLA indica em sua

¹ Disponível em: <<http://factcheck.org/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

² Disponível em: <<http://www.politifact.com/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

³ Disponível em: <<http://chequeado.com/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

⁴ Disponível em: <<http://apublica.org/truco/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

⁵ Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

publicação oito passos para verificação das informações e notícias, conforme segue na Figura 2.

Figura 2 – Como verificar as notícias falsas.



Fonte: International Federation of Library Association and Institutions (2017).

Nos critérios para análise dos conteúdos das fontes de informação pela IFLA e os demais atores do campo de estudos da informação, nota-se que os aspectos intrínsecos (conteúdo) e do contexto devem ser considerados, especialmente por causa do excesso de informações disponíveis e do crescimento de produção e compartilhamento de desinformações. Dentre os critérios apresentados, destacam-se aqueles relacionados à autoridade, à atualidade e à precisão.

Identificar as instituições ou os indivíduos, isto é, os responsáveis pela organização, distribuição e manutenção da informação é um ponto que faz parte da avaliação da *autoridade* de uma fonte. Para isso, torna-se essencial a identificação dos responsáveis pela criação intelectual ou artística da fonte para entender seus objetivos, suas aspirações, tendências e propósitos quanto à sua motivação na disseminação do conteúdo (TOMAÉL et al., 2004). A autoridade pode ser uma pessoa, uma entidade ou uma editora, por exemplo.

Também sobre o critério de autoridade, Vergueiro (2010) indica que a qualidade do material pode ser vislumbrada a partir da reputação do autor. Parte-se da premissa de que o fato de um autor ter produzido diversos materiais de qualidade no passado é um fator a ser levado em conta. Contudo, é importante ressaltar que um grande

número de publicações de qualidade não garante que todas as suas publicações posteriores manterão o mesmo nível, além da necessidade de se possibilitar ou promover a inserção de um autor que ainda não tenha publicações conhecidas.

Na avaliação do conteúdo deve ser considerada também a *atualidade* das informações apresentadas, isto é, se o conteúdo é constantemente atualizado. Destaca-se aqui que a noção de atualidade não está diretamente ligada à ideia de novidade, pois determinados campos, domínios e áreas requerem uma periodicidade de atualização maior ou menor em relação a outros (TOMAÉL et al., 2004).

Há que se considerar também a *precisão* das fontes de informação na avaliação realizada, o que será determinado a partir da conferência das referências, da consistência da bibliografia, das citações e outras formas de confiabilidade da informação (TOMAÉL et al., 2004). Vergueiro (2010) diz que a precisão visa evidenciar o quanto a informação veiculada pelo documento é de fato exata e correta. Para perceber a precisão, é necessário recorrer à opinião de um especialista de uma área do conhecimento que comprove a precisão ou a imprecisão da informação.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a prática informacional, em um contexto de aprendizado contínuo, requer atitudes de competência em informação para o desenvolvimento de habilidades que possibilitem a compreensão dos critérios de avaliação de fontes de informação disponíveis na internet/web. Assim, o indivíduo se torna capaz de perceber as oportunidades e, com isso, tem a possibilidade de vivenciar a “serendipidade” (ou seja, as descobertas afortunadas) e evitar a desinformação.

É necessário destacar que as tecnologias de informação e comunicação e os novos recursos são importantes para otimizar a atuação do indivíduo, de forma solidária e ética, nas mais diversas tarefas que executa e nos ambientes em que transita. No entanto, viu-se que o indivíduo deve ter ciência de que a função dessas tecnologias e recursos é somente auxiliá-lo no desenvolvimento de suas tarefas para que ele possa alcançar o seu propósito, visto que nada substituirá a determinação das suas escolhas informacionais.

Como perspectiva para continuidade deste artigo, apresenta-se a possibilidade de desenvolvimento de estudos futuros que considerem práticas informacionais específicas em cada campo/domínio/área. Quanto mais a sociedade estiver atenta à qualidade de sua informação e das notícias, a partir de uma prática crítica e ética, mais apta estará para um compartilhamento de conhecimentos realmente solidário, que abranja a complexidade exigida nos diferentes contextos e temáticas sociais.

Artigo recebido em 19/07/2017 e aprovado em 11/10/2017.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College & Research Libraries. *Framework for information literacy for higher education*. Chicago, 2016. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. *Resolution on access to accurate information*. Chicago, 2017. Disponível em: <<http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/statementspols/ifresolutions/accurateinformation>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. *Resolution on disinformation, media manipulation and the destruction of public information*. Chicago, 2005. Disponível em: <http://www.ala.org/aboutala/sites/ala.org.aboutala/files/content/governance/policy_manual/updatedpolicymanual/ocrpdfofprm/52-8disinformation.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2017.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

COMUNIQUE-SE. *Agência Lupa: Brasil ganha site de checagem de informações*. Rio de Janeiro, nov. 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/80209-agencia-lupa-brasil-ganha-site-de-checagem-de-informacoes-leia-mais>>. Acesso em: 2 maio 2017.

CUNHA, M. B. *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia*. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DARNTON, R. A verdadeira história das notícias falsas: séculos antes das redes sociais, os boatos e as mentiras alimentavam pasquins e gazetas na Europa. *El País Brasil*, 1 maio 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em: 13 jul. 2017.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: Sistema de Informação, Muticulturalidade e Inclusão Social, 24., 2011, Maceió, *Anais... Maceió: Febab*, 2011. Não paginado. Disponível em: <[http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Comp etencia%20em%20Informacao.pdf](http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Competencia%20em%20Informacao.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2017.

DIAS, M. M. K.; PIRES, D. *Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

DUDZIAK, E. A. Information literacy uma revolução silenciosa: diferentes concepções para a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO, 20., 2002, Fortaleza. *Anais... Fortaleza: Febab*, 2002. Não paginado. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/3798/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

_____. *Information literacy: princípios, filosofia e prática. Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003>. Acesso em: 6 maio 2017.

FALLIS, D. What is disinformation? *Library Trends*, v. 63, n. 3, 2015.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GARRETT, Filipe. Google anuncia fact check: recurso checa se notícia é verdadeira ou falsa. *TechTudo*, Rio de Janeiro, nov. 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/10/google-anuncia-fact-check-recurso-checa-se-noticia-e-verdadeira-ou-falsa.html>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

HORTON JUNIOR, F. W. *Overview of information literacy resources worldwide*. Paris: Unesco, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219667e.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2017.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. *Alternative facts and fake news – verifiability in the information society*. *Library Policy and Advocacy Blog*, Jan. 2017. Disponível em: <<https://blogs.ifla.org/lpa/2017/01/27/alternative-facts-and-fake-news-verifiability-in-the-information-society/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

KEAN, D. US libraries join struggle to resist the Trump administration. *The Guardian*, Feb. 21th 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/feb/21/us-libraries-join-struggle-to-resist-the-trump-administration>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

KESSLER, G. The truth behind the rhetoric. *The Washington Post*, Washington, D.C., Nov. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/fact-checker/>>. Acesso em: 3 maio 2017.

LUPA. [Página principal]. Rio de Janeiro, 2017. Não paginado. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MELO, A. V. C.; ARAÚJO, E. A. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 185-201, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a12.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RODRIGUES, C.; BLATTMANN, U. Uso das fontes de informação para a geração de conhecimento organizacional. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 43-58, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/9999/6922>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TOMAÉL, M. I. et al. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. In: TOMAÉL, M. I.; VALENTIM, M. L. P. (Org.). *Avaliação de fontes de informação na internet*. Londrina: Eduel, 2004. p. 19-40.

TRUCO. *Eles falam, nós checamos*. São Paulo, 2017. Não paginado. Disponível em: <<http://apublica.org/truco/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Seleção de materiais de informação: princípios e técnicas*. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010.

VOLKOFF, V. *Pequena história da desinformação: do cavalo de Tróia à internet*. Curitiba: Ed. Vila do Príncipe, 2004.